



Vol. 27, nº 2 (2024)

**ESTRATÉGIAS NARRATIVAS NA CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM  
FEMININA FICCIONALIZADA EM ESTAÇÃO DAS CHUVAS, DE JOSÉ  
EDUARDO AGUALUSA**

\*\*\*

**NARRATIVE STRATEGIES IN THE CONSTRUCTION OF THE  
FICTIONALIZED FEMALE CHARACTER IN THE RAINY SEASON, BY JOSÉ  
EDUARDO AGUALUSA**

Kátia de Oliveira Carvalho<sup>1</sup>  
Jesuino Arvelino Pinto<sup>2</sup>

**Recebimento do Texto:** 24/10/2024

**Data de Aceite:** 20/11/2024

**Resumo:** Este trabalho apresenta um estudo crítico-analítico de algumas das estratégias narrativas inscritas no romance **Estação das Chuvas (1996)** do escritor angolano José Eduardo Agualusa, por meio da personagem feminina ficcionalizada nessa obra. A intenção é ampliar as discussões sobre as personagens femininas, observando o que é real e a verossimilhança; estabelecer um paralelo das abordagens, resgates históricos, memória, identidades; refletir acerca da Literatura e da decolonialidade. Em busca dessas respostas ancora-se em Abdala Jr (2007), Benjamin (1994), Canclini (1997), Hall (2013, 2005), Hutcheon (1991), Le Goff (2005), Memmi (2007), Spivak (2010), dentre outros. A metodologia de pesquisa é bibliográfica e de análise literária, respaldada teoricamente em conteúdos publicados. Para tanto, destaca-se os recursos literários utilizados para expressar a tradição como resistência cultural, política e social, na realidade pós-colonial por meio da figura feminina ficcionalizada.

**Palavras-chave:** Personagem feminina. Ficcionalização. Agualusa. Pós-colonialismo. História, memória e identidade.

**Abstract:** This work presents a critical-analytical study of some of the narrative strategies inscribed in the novel *Estação das Chuvas* (1996) by Angolan writer José Eduardo Agualusa, through the female character fictionalized in this work. The intention is to broaden the discussions about female characters, observing what is real and what is plausible; to establish a parallel between approaches, historical rescues, memory, identities; to reflect on Literature and decoloniality. In search of these answers, the article is based on Abdala Jr (2007), Benjamin (1994), Canclini (1997), Hall (2013, 2005), Hutcheon (1991), Le Goff (2005), Memmi (2007), Spivak (2010), among others. The research methodology is bibliographic and literary analysis, theoretically supported by published content. To this end, we highlight the literary resources used to express tradition as cultural, political and social resistance, in the post-colonial reality through the fictionalized female figure.

**Keywords:** Female character. Fictionalization. Agualusa. Post-colonialism. History, memory and identity.

---

<sup>1</sup> Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (PPGEL), da Universidade do Estado de Mato Grosso/ (UNEMAT). E-mail: katia.carvalho@unemat.br

<sup>2</sup> Doutor pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (PPGEL), da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Docente da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). E-mail: jesuino.pinto@unemat.br



## Introdução

Quem eu sou não ocupa muitas palavras: angolano em viagem, quase sem raça. Gosto do mar, de um céu em fogo ao fim da tarde. Nasci nas terras altas. Quero morrer em Benguela, como alternativa pode ser em Olinda, no Nordeste do Brasil. (Agualusa)

*Estação das Chuvas* (1996) é o segundo romance do escritor angolano José Eduardo Agualusa, considerado pela crítica como um dos mais importantes. O autor se destaca como ficcionista, transitando pela metaficção historiográfica e pelo realismo fantástico. Nesse contexto, enquadra-se o que Hutcheon (1991) classifica como o confronto entre a postura pós-moderna e os paradoxos da representação fictícia, sempre presente e tão bem representada nas narrativas de Agualusa, assim como o absurdo é a representação do imaginário de histórias reais, reproduzidas em livros que contam a trajetória de Angola.

Romance histórico e/ou biografia romanceada, *Estação das Chuvas* é ambientado na segunda metade do século XX, com recorte temporal de 1880 a 1992, época em que as mulheres eram meras coadjuvantes na vida e História. A narrativa procura suprimir essa importante lacuna na história de Angola, que é a presença e a luta ativa feminina nos movimentos para o processo de independência do País. Para tanto, o escritor utiliza recursos literários para expressar a tradição como forma de resistência cultural, política e social na realidade pós-colonial, mostrando a situação da mulher angolana por meio de um panorama histórico-social. A presença feminina tem grande importância e está representada de maneira marcante não apenas nessa, mas na maioria das obras do escritor.

Segundo Le Goff (1990, p. 21), “a história é na verdade o reino do inexato”, pois “quer fazer reviver e só pode reconstruir”. Para tanto, a reescrita privilegiada por Agualusa desconstrói e reconstrói mitos e heróis portugueses e salienta que alguns episódios relacionados a Angola, menosprezados e esquecidos pela historiografia oficial, podem ser vistos e contados sob outro prisma. O próprio colonialismo, ao ser revisitado pelo autor, é apresentado como barbárie e não civilização. Os acontecimentos de uma trajetória na narrativa não necessariamente precisam ser verdadeiros, porém devem ser verossímeis e possuir uma lógica que dê credibilidade ao leitor.



Apesar de tudo tivemos sorte [...] Com a gente de Nito Alves não houve piedade. Morreram aos milhares. Em certas manhãs de cacimbo, cansadas e baças como um espelho velho, eu vi, através do respiradouro, passarem camiões cheios de mortos. O fedor era tanto que os guardas tapavam o nariz com algodão embebido em perfume [...] Adormecíamos com a gritaria dos torturados e acordávamos quando eles deixavam de gritar (Aqualusa, 1996, p. 232).

O romancista estabelece um paralelo entre a pluralidade identitária, cultural e linguística com a modernidade, diante de identidades desconstruídas e/ou fragmentadas, “o mundo configura-se cada vez mais como de fronteiras múltiplas e as identidades devem ser vistas no plural” (Abdala Jr., 2013, p. 12). Numa espécie de costura pelas narrativas históricas agualusianas, vão se desvelando os processos de criação/composição e estratégias empregadas na ficcionalização de suas personagens e aqui, em especial, de uma importante personagem feminina, representada pelo viés da tríade do real, do imaginário e/ou fictício e que “a ficção é apresentada como mais um entre os discursos pelos quais elaboramos nossas versões da realidade” (Hutcheon, 1991, p. 64).

Dessa forma, é relevante conhecer algumas estratégias agualusianas utilizadas na composição de suas personagens femininas ficcionalizadas, para compreender o processo de criação, a estruturação, a reconstituição do passado e as verossimilhanças relacionadas à situação social da mulher angolana por meio de um panorama histórico, social pelo olhar de um escritor.

Tais componentes literários nos possibilitam avaliar a sua produção com vistas à representação sociocultural e ao processo de (des)(re)construção, haja vista que questões históricas, políticas, memorialísticas, identitárias e sociais são parte integrante de suas obras. Para Bauman (2005, p. 17), o pertencimento e a identidade são mutáveis e se transformam no decorrer da vida do indivíduo, “são bastante negociáveis e revogáveis” sendo que “as decisões e os caminhos que tomam durante a vida é que são responsáveis tanto pelo pertencimento quanto pela identidade” e estão em constantes movimentos.

Aqualusa apresenta talvez a sua maior personagem feminista anticolonial, Lídia do Carmo Ferreira. Poetisa, jornalista, historiadora, intelectual, libertária, cosmopolita, ativista, uma mulher de vanguarda. Personagem fictícia tão real que por vezes confunde o leitor. Enigmática e ambígua, à frente de seu tempo, rompe as barreiras, se colocando na



luta pela libertação de Angola em um tempo em que o simples fato de ser mulher era sinônimo de apagamento, especialmente em África.

A narrativa destaca os principais momentos dos movimentos pela libertação de Angola do domínio português com integrantes reais e ficcionais dessa luta; reinterpreta acontecimentos significativos para a sociedade angolana; denuncia a política colonialista de degradação do patrimônio histórico; mostra o processo político e social como se “escovando a história a contrapelo” (Benjamin, 1994, p.74), colocando, por vezes, Agualusa como *persona non grata* em seu país, ao descrever a História pelo viés da crítica, contradizendo e desmitificando fatos sociais importantes.

Em suas narrativas é muito forte a presença da denúncia sobre racismo, xenofobia, tráfico negreiro, violência, exploração tanto da nação quanto de seus conterrâneos por parte de Portugal. É época em que o colonizador comandava política, econômica, social e culturalmente.

O colonialismo se refere a um padrão de dominação e exploração no qual: O controle da autoridade política, dos recursos de produção e do trabalho de uma população determinada possui uma diferente identidade e as suas sedes centrais estão, além disso, em outra jurisdição territorial. Porém nem sempre, nem necessariamente, implica relações racistas de poder. O colonialismo é, obviamente, mais antigo; no entanto a colonialidade provou ser, nos últimos 500 anos, mais profunda e duradoura que o colonialismo. Porém, sem dúvida, foi forjada dentro deste, e mais ainda, sem ele não teria podido ser imposta a intersubjetividade de modo tão enraizado e prolongado (Quijano, 2009, p. 93).

Os recursos literários utilizados em *Estação das Chuvas* se destacam por expressar a tradição como forma de resistência cultural, política e social na realidade pós-colonial, apresentando a mulher angolana como protagonista e empoderada, em um panorama social de degradação e de luta. Espelhando-se ficcionalmente na representação de tantas outras mulheres anônimas que lutaram pela independência, seja ela de qualquer natureza.

Para Candido (1987), a criação literária repousa sobre esse paradoxo e o problema da verossimilhança no romance depende dessa possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial.



As produções de José Eduardo Agualusa dividem-se pela crítica em duas fases: a primeira, considerada de Literatura Engajada, acontece prioritariamente de 1989 a 2003. Tendo como principal característica a manifestação factual dos dramas contemporâneos e históricos dos povos colonizados pelos portugueses, com grandes representações femininas. A segunda, intitulada como Literatura Fantástica, inicia-se em 2004, onde encontramos o tempo das incertezas, frente a um acontecimento aparentemente sobrenatural, se definindo com relação ao real e imaginário (Todorov, 1981). Os romances têm em comum a inserção de elementos mágicos, sobrenaturais e extraordinários às tramas. Personagens que se comunicam com espíritos e divindades, com elevado desenvolvimento espiritual, premonições e superstições.

## **2. *Estação das Chuvas*: a narrativa e a ficcionalização feminina**

Wolfgang Iser (2006, p. 13), teórico da ficção, parte de uma provocação quanto às fronteiras entre ficção e realidade, indagando se “os textos ficcionados serão de fato tão ficcionais e os que assim não se dizem serão de fato isentos de ficção?” E propõe a superação da dicotomia realidade/ficção através da tríade “real, fictício e imaginário”.

O romance *Estação das Chuvas* (1996) é dividido em nove partes que se desdobram em capítulos: *O Princípio*, *A Poesia*, *A Busca*, *O Exílio*, *O Dia Eterno*, *A Euforia*, *O Medo*, *A Fúria* e *O Fim*. Essa constituição é composta conforme a biografia da protagonista, a partir da qual o narrador-personagem recompõe o passado de Angola e movimenta-se em diferentes lugares e tempos em busca de informações que levem ao paradeiro de Lídia do Carmo Ferreira, como se ela fosse real na História.

Nesse processo, Agualusa recorre à memória da própria personagem, desmistificando heróis nacionais. Ampara-se em documentos e discursos da época para que diferentes vozes deem credibilidade e veracidade aos acontecimentos relatados. Busca uma verdade ficcional que mistura história e ficção, tecida tão magistralmente que por vezes a tomamos como realidade histórica absoluta. Utiliza-se de intertextos apresentando a personagem em outros romances, tendo sido citada desde sua primeira obra *A Conjura* (1989).



A narrativa tem início com a epígrafe do discurso de libertação de Angola, feito por Agostinho Neto no dia 11 de novembro de 1975, às 00h e 20 minutos. *Estação das Chuvas* é uma história que pretende (re)contar a História após o desaparecimento da protagonista em 1992. A história O enredo sobre a protagonista vai se reconstruindo ao tempo que reconstrói a História de Angola.

Para Fanon (2008, p. 29), “todo problema humano exige ser considerado a partir do tempo. Sendo ideal que o presente sempre sirva para construir o futuro”. Nesse viés, o narrador transita entre o passado e o presente, está em diversos momentos da narrativa e também não se mostra favorável aos acontecimentos políticos e nem ao rumo que tomou a história da personagem principal, pois esse era o cenário de “perplexidade diante da inviabilidade do projeto acalentado” (Chaves e Macêdo, 2005, p. 56), após lutas, enfrentamentos, exílios.

Tem-se então no romance um narrador-personagem, homodiegético, que entrevistou Lídia, reuniu seus escritos, textos, correspondências e tem por missão descobrir o seu paradeiro e recontar sua vida. Assim são relatados os caminhos trilhados pela personagem, mesclando realidade, ficção e imaginação e denunciando o falso discurso histórico angolano.

O tempo não é linear, revezando entre episódios históricos e entrevistas concedidas a seu biógrafo. Porém, há uma ordem cronológica em relação à vida da personagem e também à história de Angola, abrindo caminho para que o leitor possa percorrer e compreender, pelo menos em parte, esse processo.

O enredo se ambienta em diferentes momentos e perspectivas, por vezes saltando no tempo para que as personagens possam recordar passagens de sua trajetória de vida numa sociedade onde “as tradições ainda não se foram e a modernidade não terminou de chegar” (Canclini, 1997, p. 17), equilibrando o romance angolano entre traços do tradicional e do moderno.

José Eduardo Agualusa trabalha com diversidade de personagens e com a polifonia. Costuma dar voz àquelas consideradas subalternas, pois “como um sujeito feminino, não pode ser ouvido ou lido” (Spivak, 2010, p. 163), vivem silenciadas,



apagadas. Entrelaça personagens históricas e outras tantas ficcionais, reproduzindo diferentes vozes, com olhares particulares sobre a História.

A linguagem também é uma característica marcante, com vocábulos que apresentam a língua nativa e as tradições, “uma vez que falar é existir absolutamente para o outro” (Fanon, 2008, p. 33), como na passagem em que “César Augusto começou a recuperar a *xitaca* [...] e estava a semear milho e *massambala* no sopé dos morros” (Aqualusa, 1996, p. 23).

Um homem que possui a linguagem possui, em contrapartida, o mundo que essa linguagem expressa e que lhe é implícito [...] Todo povo colonizado – isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural – toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana (Fanon, 2008, p. 34).

Na contracapa do livro apresenta, se tratar de uma “biografia romanceada de Lídia do Carmo Ferreira, poetisa, historiadora angolana, misteriosamente desaparecida em 1992”. Essa é a primeira informação que coloca interrogação no leitor, pois a capa indica a natureza fictícia pela palavra “romance” demonstrando a coexistência de recursos literários distintos. Ao leitor leigo passa despercebido o fato de ser biografia romanceada ou romance, porém sabe-se que há certa contradição nessa classificação.

Lídia do Carmo Ferreira nasceu em Chela no ano de 1928, cidadela escondida entre dois morros. Aos dois anos seu avô, Jacinto do Carmo Ferreira (personagem do primeiro livro, *A Conjura*, 1989) a buscou e a levou para Luanda, “por isso não guardou memória do lugar onde nasceu” (Aqualusa, 1996, p. 19).

Criada em meio aos filhos da aristocracia crioula e luso-descendente, cresceu ouvindo críticas sobre a dominação colonial, o que contribuiu para que se tornasse uma jovem poetisa comprometida com a independência e conscientização política, social e cultural. Em fim de seu curso universitário decide por estudar a trajetória de António Guilherme Amo, escravo oferecido de presente a um nobre alemão, teria sido o primeiro africano a estudar em universidades alemãs. Acontecimento importante, que fortaleceu sua formação como militante, considerando que, por ter realizado grande parte de sua



formação acadêmica em Lisboa, já estava engajada na luta anticolonial ao lado de personagens reais relevantes como Viriato da Cruz, Mário Pinto de Andrade, dentre outros.

*Estação das Chuvas* transita entre o real e o ficcional, dando à protagonista uma vida fragmentada, mas plural, representada pelas citações e recordações em uma fronteira muito tênue que separa o real do imaginário na busca por uma literatura que valoriza a tradição. A metaficção historiográfica “problematiza a própria possibilidade do conhecimento histórico” mantendo a distinção “de sua autorrepresentação formal e de seu contexto histórico” (Hutcheon, 1991, p. 142).

[...] tiravam-nos todo o passado e nós olhávamos em volta e não éramos capazes de compreender o mundo. Então começámos a escrever poesia. A poesia era um destino irreparável, naquela época, para um estudante angolano. Era uma poesia pobre, mas generosa, atenta às distorções sociais e sobretudo obcecada com o sagrado espaço da infância, esse último e mais profundo reduto da memória, não a particular, mas a geral, a que explicava o mundo (Aqualusa, 1996, p. 62).

Ainda compondo o espaço real/ficcional encontramos poemas, fragmentos de cartas, discursos políticos e fatos que corroboram com a “verdade” dos acontecimentos, de que Lídia realmente existiu, confundindo o leitor desavisado. Essas informações possuem datas e dados, como por exemplo, nas notas de rodapé sobre a bibliografia da protagonista, “*O sangue dos Outros*, Edições Atenas, Coimbra 1988” e “*Um Vasto Silêncio*, Edições A Voz do Corvo, 1992”. Sendo que a primeira foi escrita por Simone de Beauvoir, portanto um elemento intertextual, frequentemente utilizado por Aqualusa em suas criações.

Para Halbwachs (2006, p. 80) para preservar as lembranças é necessário “fixá-las por escrito em uma narrativa seguida, uma vez que as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem” dessa forma perpetua-se Lídia do Carmo Ferreira, como poetisa, seus escritos de denúncia ultrapassam o tempo de sua história:

A sua genealogia é extraordinária. Inicia com práticas incestuosas de suas ancestrais (avó e bisavó) com um mesmo homem, patriarca português, que veio degredado de Portugal após crime de estupro. Em Angola casou-se e teve filhas com suas duas mulheres, com suas três filhas e com suas três netas. Tempos complexos, em que as mulheres eram tratadas como seres inferiores, servindo tão somente para a satisfação





masculina, onde a simples presença em determinados locais, cargos e funções causavam divergentes opiniões, em uma sociedade totalmente discriminatória e preconceituosa.

O autor apresenta nesse contexto, a violência e a desvalorização contra o corpo feminino. Esse é o retrato da vida de algumas mulheres angolanas no século XX. Descendiam de escravos vindos de outros países africanos ou de exilados criminosos que eram deportados após cumprirem pena muitas vezes por estupro. Eram mulheres que sentiam na pele as marcas do colonialismo, haja vista que:

Enfim o colonizador nega ao colonizado o direito mais precioso reconhecido à maioria dos homens: a liberdade. As condições de vida, feitas para o colonizado pela colonização não a levam em conta de nenhuma maneira, nem sequer a supõem. O colonizado não dispõe de saída para deixar seu estado de infortúnio [...] o colonizado não é livre de escolher-se colonizado ou não colonizado (Memmi, 2007, p. 123 - 124).

É evidente na narrativa, questões de violência contra a mulher colonizada. Como o ocorrido com as ancestrais de Lúcia e o seu bisavô, “não há valor atribuído à ‘mulher’ como um item respeitoso nas listas de prioridades globais. A representação não definiu. A mulher intelectual como uma intelectual tem uma tarefa circunscrita que ela não deve rejeitar com um floreio” (Spivak, 2010, p. 165). Mulheres que na luta por dignidade, liberdade e igualdade, desafiam as normas sociais, avançam à frente dos movimentos pela libertação do seu País.

Criada por seu avô Jacinto do Carmo Ferreira, Lúcia conviveu com muitas mulheres que contribuíram para a formação de sua personalidade multifacetada, aguerrida e polêmica:

No casarão das Ingombotas, a menina reencontrou-se entre mulheres: a velha Fina, aliás Dona Josephine, antiga escrava trazida do Congo por um funante alemão, depois mucama de um rico comerciante mulato, finalmente esposa legítima de Carmo Ferreira. Carlota, irmã de César Augusto, viúva, sempre vestida de negra bofeta e duas das suas filhas ainda solteiras, Angelina e Maria do Carmo, que receberam Lúcia como se de uma irmã mais nova se tratasse. Aos domingos apareciam também os três outros filhos de Carlota, com as mulheres e respectiva descendência, e a casa enchia-se então de um tumulto de vozes (Aqualusa, 1996, p. 32).



As “mulheres agualusianas” estão sempre apresentadas com diversidade de personalidade. São fortes, lutam pelo seu lugar na sociedade, enfrentam desafios e conflitos externos e internos. Desse modo dá vida e voz a personagens femininas que fizeram história, pois “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo” (Benjamin, 1994).

Sim à vida. Sim ao amor. Sim à generosidade. Mas o homem também é *não*. Não ao desprezo do homem. Não à indignidade do homem. À exploração do homem. Ao assassinato daquilo que há de mais humano no homem: a liberdade (Fanon, 2008, p. 184).

Figura forte e corajosa, tão silenciada que necessita de um narrador para reproduzir sua voz, representa a posição feminina nos movimentos pela libertação de Angola, a luta contra os silenciamentos.

Desempenharam papel importante nos movimentos, escreveram suas memórias de guerra, atuaram na linha de frente pegando em armas ou com as armas de suas produções literárias, contribuindo efetivamente para a reconstrução angolana.

Porém apagadas, a exemplo de Deolinda Rodrigues, uma combatente real, como tantas outras e que foram excluídas e negadas em uma foto da História oficial.

### **3. Estratégias e construções agualusianas em *Estação das Chuvas***

*Estação das Chuvas* caracteriza-se pelo jogo promovido entre história e ficção. Por isso, para investigar as estratégias de produção textual usadas é necessário provocar um diálogo entre seus textos visualizando as recorrências e ausências, haja vista que o autor reintroduz acontecimentos e personagens de uma obra à outra. Somente dessa forma é possível entender os mecanismos utilizados na reescrita da história pela via da ficção com base em José Eduardo Agualusa.

Há um entrecruzamento de personagens e situações onde história e estória se interpenetram. Circunstância que desvela o intercâmbio metodológico e analítico na construção do enredo sob a perspectiva do escritor, a partir da investigação dos aspectos sociais representados na narrativa, bem como a estruturação dos elementos textuais.



Ao observar o que é real e a verossimilhança nas estratégias narrativas que compõem a ficcionalização em *Estação das Chuvas*, se estabelece um paralelo das abordagens, da (pós)(des)colonização, dos resgates históricos, memória e identidades apresentadas e que tornam a interpretação um desafio.

A alguns às vezes ainda agrada representar o colonizador como um homem de grande estatura, bronzeado pelo sol, calçado com botinas, apoiado em uma pá – pois ele gosta de pôr mãos à obra, fixando seu olhar ao longe no horizonte de suas terras; entre duas ações contra a natureza, ele se devota aos homens, cuida dos doentes e difunde a cultura, um nobre aventureiro, enfim, um pioneiro (Memmi, 2007, p. 37).

São acontecimentos e fatos que simulam a verdade, personagens que remetem a figuras históricas (Mário Pinto de Andrade, Viriato da Cruz, António Jacinto, Agostinho Neto); títulos de periódicos conhecidos, mantendo um rigor espacial e temporal, uma vez que todos os eventos são datados e situados. Registros documentais jornalísticos, epistolar, filológico, fatos que dão à narrativa veracidade e verossimilhança:

Depois fez um círculo à volta dos dois versos e acrescentou a data: ‘11 de novembro de 1975’.  
(Entrevista com Lídia do Carmo Ferreira, em 23 de Maio de 1990).  
Na madrugada do dia 27 de Maio de 1977 ouvi o estrépito dos tiros, mas não acordei (Aqualusa, 1996, p. 16, 23 e 217).

Encontramos referências paratextuais, reais e/ou ficcionais a começar pelos agradecimentos do autor fazendo referência às palavras pesquisa e documentação, dando ideia de veracidade, assim como em relação às indicações bibliográficas das obras de Lídia, por exemplo. O escritor provoca à reflexão acerca da Literatura e decolonialidade, relacionadas a essa mulher enigmática, ambígua, confundindo o leitor com seus detalhes reais e/ou ficcionalizados.

O que ficou de mim nesses lugares? Quem fui? Não fui nunca de ninguém. Nada em lugar nenhum me aguarda. O meu coração está cheio de cansaço. Dorme na lama entre as flores. Morri e ninguém soube de nada (Aqualusa, 1996, p. 268).

Recorre a elementos que têm a função de convencer o leitor da importância de se manter viva a memória de personagens desconsideradas pela historiografia oficial, mesclando realidade e ficção de maneira tão verdadeira. Fazer uso da memória é uma das



estratégias apresentadas em entrevista ao narrador, quando relata a infância, num resgate memorialístico da própria protagonista:

Eu era das poucas crianças que tinha alguém à minha espera, mas só muito mais tarde que me dei conta disso. Lembro-me de um outro garoto, também negro, a quem uma senhora muito branca, vestida com uma espécie de túnica creme, como a dos padres, capacete colonial na cabeça, vinha trazer a merenda. Chegava pedalando numa velha bicicleta azul, a lancheira dentro de um cesto preso ao guiador. Atrás dela os cães em silêncio. (*Entrevista com Lídia do Carmo Ferreira, Luanda, em 23 de Maio de 1990*) (Aqualusa, 1996, p. 60-61).

As estratégias discursivas de José Eduardo Aqualusa são tão bem arquitetadas que tornam a interpretação de seus romances um desafio, sendo necessário estar atento ao que é real e ficcional. Nessas estratégias, frequentemente retoma o passado, reavaliando-o criticamente, reescrevendo a história sob um novo aspecto, abandonando a historiografia tradicional, abrindo espaço para dúvidas e questionamentos. Inserindo acontecimentos e personagens reais e históricas, fazendo uso da polifonia com múltiplos narradores, unindo história e literatura. Provoca a quebra de fronteiras lançando mão da intertextualidade entre a maioria de suas construções. Dessa forma, Lídia do Carmo Ferreira se faz presente em outras narrativas de José Eduardo Aqualusa como em *A conjura* (1989), cujo personagem Jacinto do Carmo Ferreira é seu avô, *Um Estranho em Goa* (2000), onde é citada, *O Ano em que Zumbi tomou o Rio* (2002) com um verso, *Barroco Tropical* (2009) em um poema.

A intertextualidade e o trânsito de personagens é uma das estratégias utilizadas para reforçar a dúvida e a ambiguidade, dificultando que o perfil psicológico seja definitivo e acabado. Recurso que permite que nenhuma de suas obras se feche em si mesma. Assim também em relação às metáforas, ironia e humor, fatos aparentemente sem explicação e imagens poéticas empregadas para descrever a personalidade complexa e multifacetada de suas personagens, especialmente as femininas.

Assim como estratégias de espelhamento em que as personagens são recriadas e reaparecem travestidas. Fatos e temas se repetem na narrativa ou em narrativas diferentes, gerando questionamentos no leitor e mostrando que tudo é jogo, encenação. Coloca em evidência questões determinantes, como a busca pela identidade e a relação entre história e literatura. No entanto, caminho do lançamento de seu livro, Lídia desaparece. Não chega ao local.



A cidade apodrecendo sem remédio. Os prédios com as entranhas devastadas. Os cães a comer os mortos. Os homens a comer os cães e os excrementos dos cães. Os loucos com o corpo coberto de alcatrão. Os mutilados de olhar perdido. Os soldados em pânico no meio dos escombros. E mais além as aldeias desertas, as lavras calcinadas, as turvas multidões de foragidos. E ainda mais além a natureza transtornada, o fogo devorando os horizontes. Disse: – Este país morreu! (Aqualusa, 1996, p. 279).

Pires Laranjeira assim descreve o autor: “Aqualusa alia à sua capacidade de fundamentação histórica a facilidade de fluência da enunciação, cauterizadas com episódios burlescos, sentimentais e maravilhosos” (Laranjeira, 1992, p. 102).

### Considerações Finais

Já não sei quem fui, quem sou. Já não sei o quanto de mim é, não a vida, mas aquilo que da vida em algum livro eu li.

Lídia Ferreira, em carta a Mário de Andrade, escrita em Lisboa a 30 de abril de 1981.

Abertura da parte 3 (A Busca)

A trajetória de Lídia configura-se à de tantas mulheres reais que participaram e ainda participam de movimentos para a garantia da liberdade feminina ao longo da História e que sequer são mencionadas nas historiografias oficiais.

Lídia do Carmo Ferreira é símbolo de resistência e coragem, ficcionalizada de tal maneira que chegamos a acreditar em sua existência. Com suas dores, revoltas e passagens por lugares e momentos da história misturando-se com a verdadeira História de Angola é representação das ações, atitudes e vozes de tantas mulheres nos movimentos de luta pela libertação de seu povo.

Não é simplesmente personagem de um romance é muito mais, representa uma coletividade feminina rechaçada pelo colonialismo, à denúncia de um passado recente marcado pela tirania do poder, a falta de reconhecimento do sujeito feminino em sua capacidade de ser igual. As referências ao passado colonial são fundamentais para que o leitor compreenda os percursos traçados pós-independência, assim como a figuração da mulher angolana dos séculos XIX e XX.



*Estação das Chuvas* (1996) é construído de maneira a denunciar a falta apenas o apagamento e silenciamento feminino, mas de toda uma nação. É uma falta de oportunidade de questionamento de “verdades” impostas. No emaranhado de estratégias o autor se estrutura na ficção magistralmente ancorado pelo real e imaginário, tecendo e recontando a história da História.

Pode-se associar a obra de José Eduardo Agualusa à evolução da literatura angolana, que ainda se encontra em fase de formação, onde a relação autor-obra-leitor é problemática em função de contextos socioeconômicos e nesse cenário há que se considerar a figura feminina presente e tão bem representada pelo escritor.

## Referências

ABDALA JR, Benjamin. Fluxos Culturais Assimétricos e Reflexões Comunitárias. In: **Esse Entre-Lugar da Literatura**: concepção, estética e fronteira. PINTO, Aroldo J. de Abreu; JUNIOR, Benjamin Abdala; SILVA, Agnaldo Rodrigues; (Org.). São Paulo: Arte e Ciência, 2013, p. 12.

AGUALUSA, José Eduardo. **Estação das Chuvas**. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1996.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução de Heloísa P. Cintrão e Ana Regina Lessa. 2.ed. São Paulo: Edusp, 1997.

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: ROSENFELD, Anatol *et. al.* **A personagem de ficção**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.

CHAVES, Rita. MACÊDO, Tania. **Marcas da diferença**: as literaturas africanas de língua portuguesa. São Paulo: Editora Alameda Casa Editorial, 2005.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.



Vol. 27, nº 2 (2024)

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**: história, teoria, ficção. Tradução Ricardo Cruz. - Rio de Janeiro, 1991.

ISER, Wolfgang. **O fictício e o imaginário**: perspectivas de uma antropologia literária. Trad. Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2006.

LARANJEIRA, Pires. **De letra em riste**. Porto: Edições Afrontamentos, 1992.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Irene Ferreira; Bernardo Leitão et al. 5. ed. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1990.

MEMMI, Albert. **Retrato do Colonizado precedido de Retrato do Colonizador**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do Poder e Classificação Social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa e MENESES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. 2. ed. México: Premia, 1981.